



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES**

DIANA GOMES DA CUNHA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O ENFRENTAMENTO DO MEDO EM
RAUL DA FERRUGEM AZUL, DE ANA MARIA MACHADO**

CATOLÉ DO ROCHA, PB

2022

DIANA GOMES DA CUNHA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O ENFRENTAMENTO DO MEDO EM
RAUL DA FERRUGEM AZUL, DE ANA MARIA MACHADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA, PB

2022

S586c Silva, Diana Gomes da Cunha.

A construção da identidade e o enfrentamento do medo em Raul da ferrugem azul, de Ana Maria Machado.
[manuscrito] / Diana Gomes da Cunha Silva. - 2022.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Raul da Ferrugem Azul. 2. Ana Maria Machado. 3. Medo. 4. Identidade. I. Título

21. ed. CDD B869.3

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O ENFRENTAMENTO DO MEDO EM
RAUL DA FERRUGEM AZUL, DE ANA MARIA MACHADO**

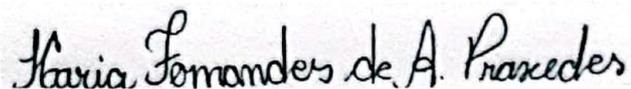
DIANA GOMES DA CUNHA

APROVADO EM: 31 de março de 2022.



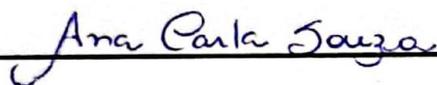
Profª. Drª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profª. Drª. Maria Fernandes Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Me. Ana Carla Souza

Examinador – Membro Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

O medo da vida faz parte da gente. Algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo, outras aprendem a conviver com ele e o encaram como um sentimento de autopreservação.

Ayrton Senna.

DEDICO este trabalho a minha mãe, Terezinha. Também aos meus filhos, Vanessa e Gabriel, pela paciência, amor de sempre. Não posso esquecer todos àqueles que não cabem citar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, cuja fé me ajudou a trilhar o caminho da universidade;

À minha mãe, Terezinha, aos meus filhos, Vanessa e Gabriel, enfim, a toda minha família, pela força e incentivo;

Meus agradecimentos também aos meus colegas de trabalho, em especial minha colega e amiga Marielle Mendes por não me fazerem desistir, sobretudo nos momentos difíceis enfrentados no decorrer do curso. Muita gratidão pela paciência a mim prestada;

Agradeço ainda à professora e orientadora Vaneide Lima Silva, pela orientação, dedicação e conhecimento transmitido no processo de elaboração deste trabalho;

Agradeço também, à Coordenação do Curso de Letras da UEPB/Campus IV, ao trabalho de todos da Secretaria, ao Departamento de Letras e à Direção de Centro/CCHA pela atenção e apoio, sempre que necessário;

Enfim, minha gratidão a todos os professores que aqui não foram citados, pela oportunidade de aprender e me tornar professora.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado (1979), centrando-se no estudo analítico de seus personagens principais, buscando, num segundo momento, identificar e apontar as fragilidades do personagem Raul, dentre elas o medo de encarar situações novas, metaforizadas na narrativa pela ferrugem que comparece no seu corpo toda vez que determinada situação o convoca a tomar uma atitude e ele não consegue enfrentar. Nesta perspectiva, partimos do pressuposto de que a experiência de Raul pode ser a de muitas crianças que passam pelas dificuldades que o protagonista enfrenta ao longo da narrativa. A análise da obra nos possibilita afirmar que muitos leitores poderão se identificar com as vivências do menino que se transforma ao longo da história e amadurece, graças ao contato com os amigos que faz no decorrer do enredo, tanto crianças quanto adultos, os quais se mostram indispensáveis para a construção da identidade de Raul. Trata-se de um estudo bibliográfico, que buscou aporte teórico em trabalhos como os de Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo (2003), Lajolo (2004), Aguiar (2009), Andrade (2010), Ávila (2018), Azevedo, (2020), Vecchi, (2020). A análise conclui que a leitura de narrativas como *Raul da Ferrugem Azul* pode contribuir para a formação de leitores, devido seu caráter lúdico e, ao mesmo tempo, reflexivo.

Palavras-chave: *Raul da Ferrugem Azul*. Ana Maria Machado. Medo. Identidade.

ABSTRACT

This work aims to analyze the narrative *Raul da Ferrugem Azul*, by Ana Maria Machado (1979), focusing on the analytical study of its main characters, seeking, in a second moment, to identify and point out the weaknesses of the character Raul, among them the fear of face new situations, metaphorized in the narrative by the rust that appears on his body every time a certain situation calls him to take an attitude and he is unable to face it. In this perspective, we start from the assumption that Raul's experience can be that of many children who go through the difficulties that the protagonist faces throughout the narrative. The analysis of the work allows us to affirm that many readers will be able to identify with the experiences of the boy who is transformed throughout the story and matures, thanks to the contact with the friends he makes during the plot, both children and adults, who show themselves to be indispensable for the construction of Raul's identity. This is a bibliographic study, which sought theoretical support in works such as those by Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo (2003), Lajolo (2004), Aguiar (2009), Andrade (2010), Ávila (2018), Azevedo, (2020), Vecchi, (2020). The analysis concludes that the reading of narratives such as *Raul da Ferrugem Azul* can contribute to the formation of readers, due to its playful and, at the same time, reflective character.

Keywords: Raul da Ferrugem Azul. Anna Maria Machado. Fear. Identity.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 ANA MARIA MACHADO E A LITERATURA PARA CRIANÇAS	13
2 A NARRATIVA INFANTIL: algumas considerações teóricas.....	17
3 ENFRENTANDO O MEDO E IDENTIFICANDO OS VALORES DE RAUL: leitura crítica da narrativa Raul da ferrugem azul	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A leitura da narrativa *Raul da Ferrugem Azul* (1979) nos revela a história de um menino chamado Raul que começa a enferrujar toda vez que se depara com situações que exigem uma atitude de coragem, mas o medo o impede de reagir, enfrentar essas situações. O enredo nos convoca a viajar com Raul no intuito de descobrir o que são as manchas azuis que só ele consegue ver no seu corpo.

Curioso e querendo descobrir o que está acontecendo com ele, o menino programa uma viagem e parte para a tentativa de solucionar seu problema. É nessa jornada para descobrir como desfazer as ferrugens que ele encontra outros personagens, a exemplo de Estela, a menina da ferrugem amarela. Ela, quando conhece Raul, já tem aprendido a desfazer suas ferrugens. Estela se mostra, portanto, mais experiente que Raul e passa a ajudá-lo na sua luta, ou seja, aprender a botar para fora suas emoções e seus medos.

Objetivamos, com base no enredo desta narrativa, analisar seus personagens centrais, procurando identificar e apontar as principais fragilidades do personagem Raul, dentre elas o medo de encarar situações novas, metaforizadas na narrativa pela “ferrugem” que comparece no seu corpo toda vez que determinada situação o convoca a tomar uma atitude e ele não consegue enfrentar. Nesta perspectiva, partimos do pressuposto de que a experiência de Raul pode ser a de muitas crianças que passam pelas dificuldades que o protagonista se depara ao longo da narrativa.

Trata-se, portanto, de um estudo de caráter bibliográfico, que se apoia em trabalhos já realizados em torno da obra de Ana Maria Machado, a exemplo de Lajolo (2004), Ávila (2018), Azevedo, (2020), bem como em estudos que discutem a narrativa para crianças, como Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo (2003), Aguiar (2009), Andrade (2010), Vecchi, (2020).

Do ponto de vista estrutural, organizamos o trabalho em três momentos: inicialmente, nos propomos a apresentar a autora Ana Maria Machado, expondo rapidamente sua biografia e apontado suas principais obras, sem deixar de ressaltar a importância da leitura de seus livros para a formação de leitores; num segundo momento, definimos a narrativa voltada para crianças e jovens, procurando destacar alguns dos principais elementos típicos da narrativa que tendem a agrada e chamar a atenção e o interesse dos leitores em formação. O

terceiro e último momento, é dedicado à apresentação do enredo de *Raul da Ferrugem Azul*, estudo analítico de seus principais personagens, notadamente Raul, que protagoniza a narrativa.

Esperamos que o trabalho contribua para a difusão da obra de Ana Maria Machado em sala de aula e desperte o interesse dos professores para a abordagem dos livros da autora no contexto de ensino, uma vez que acreditamos que a leitura das narrativas da autora favorece a reflexão em torno de questões diretamente ligadas ao cotidiano de crianças e jovens, provocando reflexão e, conseqüentemente, ampliando o horizonte e a experiência dos leitores em formação.

1 ANA MARIA MACHADO E A LITERATURA PARA CRIANÇAS

Neste tópico, nos propomos a apresentar a biografia de Ana Maria Machado, expondo de uma forma sucinta informações de sua vida e apontando suas principais obras, sem deixar de ressaltar a importância da leitura de seus livros para a formação de leitores.

Segundo os autores Vecchi e Di Eugenio (2020) a autora do livro *Raul da ferrugem azul*, Ana Maria Machado, é originária do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente da cidade de Santa Tereza, nascida no dia 24 de Dezembro de 1941. Desde sua infância estudou em escola pública e quando muito pequena gostava de livros e começou a ler sozinha com menos de cinco anos de

Conforme Azevedo e Rabinovich (2020) em suas publicações, quando era pequena, Ana Maria Machado, viveu bons momentos em Manguinhos, no Espírito Santo, entre a natureza e o mar, onde passava as férias com seus avós maternos. A sua família a influenciou com relação à literatura e já aos 12 anos produziu seu primeiro texto denominado “Arrastão 12”, que foi publicado na *Revista Folclore*.

De acordo com Lajolo (2004) em seus trabalhos publicados, *com relação à vida de Ana Maria Machado ele nos revela que assim como na literatura, a pintura veio como complemento, uma forma de ver a vida por outro prisma. Então, a pintura não se tornou uma profissão, apesar de Ana Maria Machado ter frequentado a Escolinha de Artes do Brasil, no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna e, em seguida, no MoMa de Nova York, se dedicou veementemente a essa Arte.*

Assim segundo Marisa Lajolo (2004) em seu trabalho denominado *Literatura infantil brasileira e estudos literários* expõe que na vida adulta ingressou no curso de Geografia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil onde não ficou por muito tempo e teve preferência pelo curso de Letras neolatinas e pediu transferência. Formou-se em 1964, depois do término de sua graduação concluiu a pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Durante sua graduação dava aula de latim, espanhol e português. E fazia exposições de suas obras.

O artigo científico escrito por Vecchi, Roberto e Alessia Di Eugenio (2020) fala um pouco da vida de Ana Maria Machado durante a ditadura militar e como ela iniciou sua vida de casada com o médico Álvaro Machado, mudou-se para São Paulo, onde teve seu filho Rodrigo, foi exilada para a Europa durante a ditadura militar e neste período compôs o romance *Tropical Sol da Liberdade* (1988). Ao se tornar aluna da École Pratique des Hautes Études, a autora conheceu o famoso semiólogo Roland Barthes, que se tornou orientador de sua tese de doutorado, transformada tempos depois no livro *O Recado do Nome* (1976), obra que trata da produção de Guimarães Rosa. Em 2003 foi eleita para a cadeira nº1 da Academia Brasileira de Letras.

Seu primeiro livro infantil foi escrito em 1977, quando ainda no Brasil se evidenciava os reflexos da ditadura militar: *Bento que Bento é o Frade*. Nesse mesmo ano, recebeu o Prêmio João de Barro com o livro *História Meio ao Contrário*. Com o sucesso das obras, não parou mais de escrever. Podemos afirmar que sua produção é vasta e bastante significativa, pois a autora escreve numa linguagem simples, que valoriza o cotidiano infantil e a cultura popular brasileira.

Conforme observam Palo e Oliveira (2003), desde muito tempo Ana Maria Machado vem se dedicando à literatura infantil, partindo da expectativa de que novas experiências serão vivenciadas por cada leitor, com o intuito de expor a própria realidade com base na ficção abordada no texto e preparando as crianças para situações que serão enfrentadas futuramente.

Ainda segundo esses autores, suas obras são voltadas para a essência do ser humano, assim com sua sensibilidade ela toca a alma do leitor, provocando um envolvimento em toda obra. Essa sensibilidade faz o leitor vivenciar a estória contada e esse trajeto de proximidade e encanto é um caminho muito bem orientado pelas vozes da narradora tão sábia que perpassa os mais diversos contextos e leva o leitor a se envolver diretamente com o universo narrado.

Segundo Palo e Oliveira (2003) em seus trabalhos revela que Ana Maria Machado traz uma visão ousada e maravilhosa da vida do cotidiano, que faz o leitor se prender pelos mínimos detalhes que são descritos. E as crianças vivenciam novas experiências a cada página lida, essas páginas podem

conduzi-las à descoberta de si mesmo, possibilitando, desse modo, uma interação entre texto e leitor.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a leitura da narrativa de Ana Maria Machado pode contribuir significativamente para o autoconhecimento dos leitores em formação, pois, enquanto obra de arte, tende a ampliar seu universo de forma lúdica e sua experiência de mundo é modificada em frieza do mundo real, e que essa obra de arte, seja, portanto, constituída em um objeto artístico. Assim o trecho fala um pouco desse olhar sobre a obra literária infantil:

[...] na realidade, toda obra literária para crianças pode ser lida (e reconhecida como obra de arte, embora eventualmente não agrade, como ocorre com qualquer obra) pelo adulto: ela é também para crianças. A literatura para adultos, ao contrário, só serve a eles. É, portanto, menos abrangente do que a infantil (CUNHA, 2003, p. 28).

O contato com o universo ficcional possibilita que a criança passe por experiências não vividas, na medida em que são lançadas em situações corriqueiras do cotidiano, levando-as a refletir sobre sua própria realidade, mas a partir do que é ficcional, permitindo que saia de si mesma indo além dos limites individuais de cada um. Assim, a leitura promove a oportunidade para que o leitor se identifique com os personagens e sintam sentimentos por pessoas que nem conhecem. Ou que enfrentem medos, vergonhas e sentimentos difíceis, sem precisar passar por eles de verdade.

A autora tem a sensibilidade de perceber que o mundo infantil não é o mesmo do adulto, a ludicidade vem como um potencial de percepção do mundo real, assim os parâmetros são distintos dessas duas visões de mundo. A sensibilidade da distinção entre o universo adulto e o infantil torna-se necessária quando se pensa a literatura voltada para crianças, afinal, a infância tem suas especificidades que precisam ser respeitadas quando se pensa uma obra que se volte para esse público. Desta forma, a criança vai sendo moldada aos poucos as especificidade da vida adulta:

Como se pode perceber, o ser criança faz parte de toda a multiplicidade própria de seu contexto social. Todos vão se modificando, conforme se transforma a configuração social e filosófica da sociedade. A infância, mais que um estágio da vida, é uma categoria histórica: existe uma história humana porque o homem tem infância (ANDRADE, 2010, p.29).

Então, entende-se que a infância é uma construção, base de experiências para a vida adulta, e vale destacar que a obra literária infantil detém a mesma qualidade estética e riqueza temática de uma obra voltada para os leitores adultos ou, aquela que não tem, deveria conter.

Quando pensamos na obra de Ana Maria Machado, não temos dúvida de estar diante de uma produção de qualidade artística imensurável assim, suas narrativas nos levam a perceber o quão rica e cheia de elementos estéticos é o seu caminho de produções literárias sejam elas nas obras infantis, pelas quais foi consagrada, sejam naquelas ditas juvenis ou até mesmo em obras adultas.

2 A NARRATIVA INFANTIL: algumas considerações teóricas

Neste segundo momento do trabalho, a ideia é discutir algumas peculiaridades da narrativa voltada para crianças e jovens, procurando destacar alguns dos principais elementos típicos da narrativa que prendem a atenção e o interesse dos jovens leitores.

Sabemos que o universo infantil se caracteriza por sua natureza lúdica e, portanto, muito rica ao imaginário. Assim, compomos esse terreno fértil para alimentarmos por meio da literatura. Sabemos também que a criança desenvolve muito cedo a capacidade de compreender e narrar histórias. Desse modo, o professor deve tomar as narrativas como uma forma de trazer novos elementos para o contexto da criança, uma vez que esse pequeno leitor necessita de elementos estruturais, visuais e linguísticos, que os aproxime do texto literário.

Vale ressaltar que nem sempre a criança foi encarada como um ser diferenciado, com gostos e interesses próprios: na antiguidade a criança era vista como um adulto em miniatura que tinha deveres a cumprir assim como o adulto, trabalho, ações, necessidades, de maneira que a infância não existia, pois desde cedo a criança convivia com a realidade do mundo adulto, com as ações e os problemas que não lhe cabiam enquanto criança.

Se não havia a noção de infância, o que dizer da literatura? Deste modo, a evolução da literatura voltada para a criança torna-se um ponto importante, pois nos primórdios esse vasto campo que é explorado hoje não se tinha conhecimento. Assim, segundo Cunha (2003) não se tinham livros destinados a esse público, pelos menos até o Século XVIII. A criança se soubesse ler, teria que ler livros direcionados ao público adulto. Com o passar do tempo essa situação se modifica e em meados do século XVII a literatura infantil tem início: a criança agora passa a ser vista como um indivíduo diferente do adulto que possui necessidades próprias

A partir, principalmente, do mundo moderno – período em que ocorrem diversas mudanças dentro do seio familiar, e com a reorganização do modelo de família a criança passa a ser reconhecida e valorizada, sendo vista a partir de então como um ser que merece ter seu gosto respeitado.

Sobre essa noção de infância, declara:

Começa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria diferenciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 2003, p. 22).

Podemos compreender que a literatura voltada à criança neste contexto tem um certo teor de formação social, visto que é propícia a influenciar a construção de uma identidade adulta, sendo assim era comum encontrar textos que direcionassem a criança seguir exemplos do que era considerado certo para a sociedade, ou seja, textos nos quais a criança era orientada a adotar valores que melhorassem suas ações enquanto ser social.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o início da Literatura voltada ao público infantil é marcado por um certo tom moralizante, ou seja, os textos detinham conteúdos para alfabetizar as crianças e foram aos poucos introduzindo fábulas para ensiná-las ludicamente, valorizando, deste modo, a mensagem do texto que o leitor deveria assimilar, ensinando de forma que elas podiam entender mais facilmente. Talvez por isso os contos de fadas tenham se tornado a gênese da Literatura Infantil, constituindo sua maior representação. Por isso textos como *Cinderela*, *O Barba Azul*, *Mãe Gansa*, *O Gato de Botas* foram inúmeras vezes traduzidos ou adaptados, dentre tantos outros que figuram como exemplos das primeiras narrativas direcionadas para crianças - os Irmãos Grimm são uns dos principais representantes desta literatura.

No Brasil a literatura infantil também surge marcada por um tom moralista, de modo que só a partir da produção de Monteiro Lobato é que se pode afirmar que o país passa a ter uma Literatura genuinamente infantil. Sua primeira narrativa, *Reinações de Narizinho*, que surge inicialmente com o título *Narizinho Arrebitado*, traz para o contexto infantil as ações de uma menina que sonha e modifica o seu contexto. O autor de Taubaté vem relatar que a fantasia é um elemento necessário para construção de textos literários infantis.

Mas o que se faz realmente necessário para construção de um bom texto narrativo para crianças? Podemos considerar que uma narrativa infantil possui diversas estruturas para chamar a atenção de seus leitores, visto que a criança tem que encontrar sempre algo novo dentro do texto, ações que a levem a querer cada vez mais. Sendo assim, personagens, linguagem, temas,

imagens, são alguns dos elementos que devem estar inseridos no texto de forma a fazer o seu leitor viajar entre a construção das palavras, permitindo que se possa criar o contexto, a imagem, a ação. Tudo isto dentro da imaginação da criança fará com que ela passe a construir, montar, sonhar, criar as imagens que desenharão o seu enredo mental, possibilitando uma interpretação extratexto, pois a criança além de interpretar o que está dito no texto, criará ações que ocasionem novas interpretações, novos pensamentos, novas inquietações, motivando-se, assim, a buscar novas narrativas.

Em relação a tais aspectos Cunha destaca que:

[...] é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (flash-back) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante. (CUNHA, 2003, p.24)

Cunha deixa evidente que as narrativas infantis não devem possuir uma intencionalidade de forma a buscar uma consciência social ou um modelo a ser seguido, mas sim buscar distrair seu leitor. Para isso, a narrativa deve conter elementos que permita que a criança sonhe, imagine o que está a se passar na história, tendo, desse modo, sua imaginação aguçada.

Há que se ressaltar que a literatura infantil deve estar livre de toda e qualquer finalidade formativa, devendo se mostrar emotiva, alegre, apaixonante, se quiser agradar ao pequeno leitor, afinal, ela (a literatura) já enuncia seu primeiro contato com a criança muito antes de seus leitores aprenderem a ler, começa pelo ato de as crianças ouvirem histórias contadas por mães, pais, avós, tias, irmãos, dentre outras pessoas que podem narrar histórias para esse público que não sabe ler ainda, mas que assim mesmo já é um leitor ativo.

Sobre este aspecto, se faz importante lembrar o que afirma Abramovich (1977, p. 16), quando diz que ouvir as crianças é o primeiro passo para interpretar e construir saberes literários: “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.”

Ainda de acordo com essa autora, os livros que contenham imagens, desenhos, figuras, que possibilitem uma interpretação visual, é indispensável na literatura infantil inicial, pois nesta fase a criança está começando a conhecer o

universo literário, de maneira que essas imagens a ajudarão a construir sua interpretação.

Outro aspecto que merece a atenção na literatura infantil é a linguagem, de maneira que quanto mais ela se aproxime da língua falada, melhor para esses leitores mirins. Um léxico complexo, com palavras “difíceis” distancia a criança do texto, visto que ela não compreenderá tal verbete, que poderá fazer com que a mesma não retorne para a leitura da obra. Sendo assim, a linguagem é um fator que deve ser pensado durante a elaboração dos textos infantis. O autor de obras infantis deverá buscar elementos que aproximem a criança do texto e não as distancie, de maneira que a utilização de diálogos, figuras de linguagem simples, dentre outros elementos, possibilitarão uma interação maior entre texto/meio/leitor, conforme sugere:

O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio de ação da história. Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado não serão desejado pelo autor. É o que nos lembra Monteiro Lobato: “as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”. Assim, a narração é mais agradável ao espírito infantil. Com relação às falas e aos pensamentos das personagens, a melhor apresentação é através do discurso direto. O diálogo, predominantemente no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças; ele atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. [...] (CUNHA, 2003, p.45).

Procurando seguir o caminho trilhado por Monteiro Lobato, Ana Maria Machado produz narrativas leves, cheias de aventuras e peripécias capazes de prender a atenção das crianças. Neste sentido, impossível não lembrar de *Bento-que-Bento-é-o-frade* (1977), sua primeira narrativa, que nos põe em contato com Nita, uma menina inteligente, esperta e questionadora. Aliás, este costuma ser o perfil da menina representada pela autora em sua obra. Não nos esqueçamos de Helena, de *Bem do seu tamanho* (1980) que em termos de comportamento se aproxima significativamente de Narizinho, de Lobato. O fato é que a menina nos livros de Ana Maria Machado comparece numa posição emancipada, nos possibilitando afirmar que, neste aspecto, Ana Maria Machado é ousada e quebra paradigmas, a exemplo de a *Menina bonita do laço de fita* (1986), em que nos apresenta uma princesa negra, das terras da África, cujos olhos “pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os olhos eram

enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva”.

A escritora costuma trazer elementos da poesia em suas narrativas, evidenciando a linguagem dinâmica e envolvente com que se apresentam suas histórias. Muitas vezes, a poesia pode ser observada já no título de suas obras a exemplo de *Menina bonita do laço de fita*, *O gato do mato e o cachorro do morro*, *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, *Curupaco papaco*, *Raul da ferrugem azul* e *O distraído sabido*. Assim, além de conter um enredo envolvente e cheio de dinamismo, alguns livros da autora surpreendem o leitor com uma sonoridade marcante. A narrativa que comentaremos a seguir detém um forte componente sonoro, desde o título, não apenas de Raul, seu protagonista, mas de personagens importantes de seu enredo, como Estela, a menina da ferrugem amarela, substantivos que revelam muita sonoridade, nos remetendo para as rimas, rico elemento textual da poesia que tende a agradar bastante o público infantil.

3 ENFRENTANDO O MEDO E IDENTIFICANDO OS VALORES DE RAUL: leitura crítica da narrativa Raul da ferrugem azul

Conforme sugere o título deste capítulo, foi realizado um estudo analítico da narrativa *Raul da Ferrugem Azul*, que tem como ponto de partida o seu enredo, a caracterização de seus personagens centrais, procurando identificar e apontar as principais fragilidades do personagem Raul, dentre elas o medo de encarar situações novas, metaforizadas na narrativa pela “ferrugem” que comparece no seu corpo toda vez que determinada situação o convoca a tomar uma atitude e ele não consegue enfrentar.

Neste livro, Ana Maria trata dos sentimentos que reprimimos por algum motivo, quando não podemos ou não conseguimos expressá-los o que realmente pensamos ou sentimos. Esses sentimentos ficam reprimidos e deixa profundas marcas em nós.

Assim, por esse motivo é necessário discutimos sobre a desconstrução e reconstrução da identidade ao longo de nossas vidas na visão literária de Ana Maria Machado, para mostrar como a literatura é um meio para demonstrar esse aspecto. Podemos esperar que, por meio do texto literário, tomemos posse, conceitualmente, das características de dada sociedade, no que ela tem com relação à repressão dos sentimentos por algum motivo.

Assim, Ana Maria Machado uma Autora que se popularizou escrevendo para crianças, com sua vivência em um momento conturbado na sociedade brasileira transferiu sua visão de insensibilidade da sociedade diante do momento que passava o Brasil em obras literárias.

Hoje, é integrante da Academia Brasileira de Letras. Foi presa e exilada no período da ditadura, época em que fez seu doutorado em Sorbonne (França), sob a orientação de Roland Barthes. Pintora, depois jornalista e professora universitária, a autora recebeu inúmeros prêmios, tais como, Jabuti, Machado de Assis, Hans Cristian Andersen, Casa de las Américas (ZINANE, 2010, p. 28).

A crítica em geral costuma afirmar que em *Raul da Ferrugem Azul* (2009) temos um verdadeiro manifesto contra o medo e o comodismo referente à ditadura militar brasileira, evidenciando-se, assim, o caráter alegórico que se identifica na obra. Escrito no ano 1979, temos a história de um menino que se

chamava Raul que repentinamente começa a ter manchas azuis pelo corpo que só ele vê. No primeiro momento, ele não consegue entender o porquê das manchas estarem ali.

As primeiras manchas apareceram no braço de Raul logo após uma briga que ele presenciou entre dois meninos na hora do recreio. Márcio, um típico “encrenqueiro”, que habitualmente pratica bullying contra as crianças da escola, quebra os óculos de Guilherme e se recusa a pedir desculpas.

Deste modo, A leitura dessa obra nos levou a perceber que essa obra tem o propósito de contribuir para o entendimento do problema posto em questão, que é o enfrentamento dos sentimentos repreendidos mais especificamente o medo. Portanto, o silêncio de Raul é muito significativo, apesar de que não há menção em nenhum momento à ditadura, mas esse comportamento de sufocar a raiva e medo, e de se calar diante das coisas erradas, das injustiças conciliando com as condutas no período ditatorial.

Raul assiste à cena com muita raiva e sente vontade de bater em Márcio para defender o amigo, entretanto, resolve se resignar e acaba acumulando dentro de si toda a raiva que sentiu e que não conseguiu extravasar.

À noite, refletindo sobre o ocorrido, Raul perde o sono:

- E gente enferruja? Raul nem estava conseguindo dormir, de tanto pensar e repensar. Mil perguntas na cabeça. - Será que é bolor? Pode ser... É meio azulado. Mas não tem jeito macio feito coisa embolorada. Parece mais ferrugem. Estava assim, pensando e pensando, desde a hora do recreio na escola, quando descobriu as manchas azuis no braço. Primeiro até pensou que fosse tinta. Só que não tinha jeito de tinta. E ele também não podia ficar o tempo todo parado no meio do pátio olhando para o braço, reparando nas manchas, pensando no que seria. A cabeça dele ainda estava muito ocupada com o pensamento da briga e com a raiva. Da briga que nem houve. Mas que bem que devia ter havido (MACHADO, 2009, p.08).

O fato é que Raul percebe que está com uma mancha azul no braço e essa mancha começa a se espalhar pelo corpo dele. Então, de acordo com o narrador, a vontade de Raul era de brigar, defender aquele garoto que fora agredido, mas o medo era maior do que a sua vontade de defesa e de justiça.

Neste sentido, Raul nos mostra a possibilidade de pensarmos sobre os problemas e injustiças que acontecem no nosso cotidiano, mas que não temos capacidade e nem mesmo coragem para enfrentá-los; o excesso de medo para

nadarmos contracorrente, ter a liberdade de falar, gritar, esbravejar, fazer de tudo para não ser corroído pelo enferrujem.

O menino não compreendia, e por mais que pensasse sobre a questão, não conseguia achar resposta plausível para tal ocorrência:

Uma coisa que Raul não entendia era pra que essa implicância. Sabia que o pessoal gostava dele. Até que eram amigos. Só que ele não era de meter em brigas e mesmo quando não gostava de alguma coisa que os outros faziam, não dizia nada. Não chateava os outros. Não entregava ninguém. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém. Todo mundo sabia que ele era um menino bonzinho e comportado. Só não sabiam é da raiva dentro dele. Nem das perguntas girando na cabeça (MACHADO, 2009, p.17).

Ele faz diversas tentativas para remover as manchas: toma banho de sol, esfrega - as bastante, busca até mesmo mostrá-las aos pais na esperança de ser ajudado. Contudo, percebe que apenas ele enxerga as manchas e que, sozinho, precisará achar a solução para o problema.

O comportamento “politicamente correto” de Raul despertava nos colegas um sentimento de inferioridade por ele, e o atacavam com xingamentos e zombaria. Ele sempre reprimia seus sentimentos, não gostava de injustiças, e sempre que presenciava alguma, ficava com muita raiva. Como ele não extravasava, não colocava para fora seus sentimentos de indignação, raiva e medo, começaram a aparecer manchas azuis pelo corpo de Raul. Então, a busca da “cura” das manchas azuis que se espalham pelo corpo vira uma obsessão para o menino, que tenta de todas as maneiras tirá-las de seu corpo:

Ainda bem que ninguém tinha reparado. No começo, Raul tinha ficado com medo de que vissem. E os professores. E a mãe. E o pai. Depois, descobriu que ninguém via. Aí bem que ele esticava o braço na frente do pai e da mãe, na hora da mesa, passando prato para lá e para cá. Só para ver se alguém dizia alguma coisa e ajudava ele a entender o que era, sem precisar pensar tanto. Mas ninguém viu nem falou nada. Acabou perguntando: - Mãe está vendo alguma coisa diferente no meu braço? - Estou, sim, filho. Você está cada dia mais forte. Também comendo desse jeito. (MACHADO, 2009, p. 26).

No momento de descobertas tanto de suas manchas como da sua impotência diante das situações, Raul sentiu medo, mas mesmo assim criou coragem para se expor diante dos pais para que suas manchas fossem vistas e como ninguém as viu não teve coragem de pedir ajuda para resolver esse problema. Portanto, o medo em uma esfera normal promove o desenvolvimento

e propicia a aquisição de habilidades e capacidades adaptativas, mas quando esse sentimento tem uma proporção maior pode ocorrer uma alteração comportamental que vai sendo agravada no decorrer do tempo. E a oportunidade de ser normal novamente fez com que Raul começasse a busca por uma oportunidade de expressar seus sentimentos. Por isso, conversa com Tita, a secretária do lar da casa, que lhe indica o Preto Velho da Montanha, conforme indica o trecho a seguir:

Tita explicou: - Não, eu saio com ele amanhã. Chato é que hoje eu ia lá no morro falar com Preto Velho e agora vai ter que ficar para a semana que vem. Ele me ajuda tanto. Indo e vindo da copa para a cozinha, trazendo sobremesa, levando prato, Tita ia falando muito interrompido, um pouco para ela mesma, outro tanto para o menino. Raul, ouvindo e pensando, lembrava das histórias que tinha lido e ouvido desde que era bem pequeno, contadas por Tita e por outras Titas de nomes diferentes, contadas pela mãe e pelo pai, desenhadas em quadrinhos nas revistas ou escritas em livros com ilustrações. E ia fazendo sua própria história. Ele sabia que não era exatamente isso que estava ouvindo. Mas o que estava entendendo era mais ou menos assim: - Era uma vez um velho muito velho e muito sábio que morava sozinho no alto de uma montanha. Ninguém sabia quem ele era, nem de onde tinha vindo, mas os habitantes das aldeias próximas diziam que no mistério de sua origem havia antigos reis e guerreiros do outro lado do mar. E todos diziam que ele sabia os segredos da noite e tinha poderes mágicos, capazes de resolver os problemas mais complicados (MACHADO, 2009, p.31).

Como era de costume ouvir as histórias de Tita, Raul achou que o único que podia lhe ajudar era esse velho sábio. E sua esperança de ser curado ficou mais forte a cada momento. E o medo de ser tomado pela ferrugem foi substituído pela esperança de cura.

De certa maneira, o modo como Ana Maria Machado expõe sua experiência indica seu fervor pela causa social, haja vista que a obra em questão preencheu os silêncios e medos ocorridos na época da ditadura, através da ação e das personagens imaginárias, ela exibiu a mordacidade calando o povo no Brasil, denunciando as condições subumanas das pessoas.

Com a provável resolução do seu problema o menino sobe o morro da favela para encontrar Preto Velho. No caminho, depara-se com Estela como o significado do nome dela a que ilumina e direciona e que ajuda Raul a descobrir a origem de sua ferrugem azul.

Então, ao chegar à favela, Raul presenciou uma grande confusão. Uma menina muito zangada gritava para defender um garotinho que teve sua pipa

roubada por garotos maiores do que ele. Raul acompanhou com muita atenção o discurso da menina e se assustou quando ela disse que não levava desaforo para casa para não ficar enferrujada. Ao conversar com a “menina briguenta”, que na verdade se chamava Estela, Raul consegue uma companhia até a casa do Preto Velho. Assim a menina “valente” explica para Raul:

Nem toda briga minha é de bater, não. Mas eu não aguento é ficar calada nem ficar sem fazer nada quando uma coisa não está certa. E já reparando na presença de Raul, completou: - Desaforo para casa, eu não levo. Pelo menos assim não fico enferrujada, como muita gente por aí (MACHADO, 2009, p.38).

Com o impulso que Estela deu, enfatizando o seu problema e mostrando uma solução implícita, Raul, apesar de ser tímido, era dinâmico, pois, mesmo tendo medo de enfrentar os desafios que a vida colocava em sua frente, teve a iniciativa com ajuda de Estela de pedir ajuda e superá-los.

Deste modo, a partir da ajuda recebida por Estela, Raul começa a se conscientizar de que não deve ficar apático diante de situações onde ele poderia ajudar de alguma forma. Ele compreende com as atitudes de Estela, porque também aprendemos pelo exemplo que não devemos baixar a cabeça e aceitar tudo que nos for imposto.

Então o desenferrujamento se dá continuamente, um pouquinho a cada dia; que não é errado e não é feio reclamar, reivindicar seus direitos e o dos outros, enfrentar os problemas e não nos deixar abater por eles devemos sim, é enfrentá-los, ter ousadia em buscar soluções e não nos esconder.

O conhecer a si mesmo para se conhecer melhor e se descobrir como cidadão em situações do cotidiano o ser capaz de se defender e defender os outros trouxe para Raul um mundo novo de liberdade que ele nunca tinha experimentado antes.

O desenvolvimento do enredo começa a revelar que Raul inicia sua transformação, começando a não se calar frente às situações de injustiças, por isso, as manchas azuis começam a sumir do seu corpo. Sobre a criança, contemporaneamente considerada, diz:

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a

ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância (KRAMER, 2000, p. 5).

A primeira “aventura de desenferrujamento” de Raul acontece ainda dentro do ônibus. Em uma das paradas, uma senhora que carregava peso acaba demorando a descer os degraus e é desrespeitada pelo motorista que, acelera o motor e a trata de forma depreciativa. Raul fica muito irritado com a situação e, pela primeira vez, manifesta sua raiva ao discutir com o motorista para defender a velha senhora. Portanto, o ato de expressar-se é que liberta o menino das manchas, à medida que ele vai criando coragem, as manchas vão sumindo.

A ação teve resultado imediato e a ferrugem que manchava a garganta de Raul simplesmente desapareceu. As outras partes do corpo continuavam manchadas, mas Raul já não se preocupava. O menino sabia que agora seria uma simples questão de tempo para o processo de desenferrujamento:

Raul ficou uma fera. E começou a falar: - Moço, o senhor não está vendo que ela está descendo e carregando peso? Faça o favor de esperar [...] E Raul ia falando, e Tita ia prestando atenção, e a estória ia crescendo, do jeito que ele inventava e contava. Tinha um pedaço que falava no sábio Velho da Montanha. E outro pedaço que dizia como o herói precisava vencer algumas provas e enfrentar algumas dificuldades para se livrar de encantamento. Mas como você também não está enferrujado e não quer ficar, pode muito bem ir imaginando como era o jeito de Raul contar. Ou continuar a estória de seu jeito. Ou inventar outra. Que esta aqui já se acabou (MACHADO, 2009, p.57).

As incertezas e inseguranças de Raul foram se dissipando à medida que a sua força interior ia se fortalecendo com a ajuda de Estela. E é importante salientar que nesse momento foi de fundamental importância o apoio do Preto Velho e de Estela, pois Raul começa a entender que as manchas surgem sempre que não reage frente a alguma injustiça. Portanto, com o apoio desses dois personagens, Raul se fortalece e o protagonista termina ao final da história mais maduro, mais experiente.

De um modo geral, sabemos que o medo é considerado uma emoção básica e fundamental para todos os seres humanos, porém, o ponto importante é superá-lo. Os sentimentos de medo e insegurança demonstrados por Raul em todo o percurso por ele realizado refletem o que é enfrentado pelas pessoas no seu cotidiano:

Talvez seja pela repressão sofrida por ele, pelo engessamento social, que inibe, coíbe qualquer um; e mesmo que Raul tenha sofrido tanto,

ainda bem que apesar da “resposta que, ao nível do discurso, não chega a ser dada, sendo apenas sugerida ao nível simbólico, ele conseguiu compreender e começou a se desferrujar .” (COELHO, 2000, p. 80).

Muitas preferem, inclusive, ficar indiferente aquilo que, estando presente, lhes prejudica muito e, dessa forma, acabam enferrujando os pensamentos e a própria vida. Outras, assim como Raul, são capazes de enxergar a própria ferrugem e tratá-la, geralmente enfrentando os medos e as dificuldades.

As situações de conflito de Raul, que foram enfrentadas ao longo do percurso narrativo, nos mostra que devemos nos voltar para dentro de nós mesmos e fazer um balanço de tudo, não ter medo de buscar ajuda e tratar assim, sem medo algum, da própria “ferrugem”. Ela desaparece com o uso, como aconteceu com Raul depois que passou a enfrentar o medo, aprendendo a se defender. “Afinal, ele não era bicho, sabia falar, tinha vontade, sabia querer, sabia se defender. E defender os outros, quando fosse o caso [...]” (MACHADO, 2009, p.59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória do cotidiano da vida de Raul existem muitos desafios que foram enfrentados por ele ao longo da narrativa. Inicialmente, nos deparamos com um menino inseguro, que não sabe lidar com seus sentimentos, principalmente o medo e a raiva. Durante o desenvolver da narrativa, percebemos que ele, com a ajuda dos amigos, conseguiu entender e enfrentar situações que antes não conseguia. Desse modo, a autora nos coloca diante de um sentimento universal, o medo, conduzindo o leitor, que tende a se identificar com Raul, a uma viagem para dentro de si mesmo, levando-o a refletir sobre aquilo que o amedronta e assusta, paralisando-o.

Mas a autora, sensivelmente, nos aponta um caminho para o enfrentamento do medo, nos apresentando a amizade, outra temática colocada através da experiência de Raul, que nos mobiliza e se faz importante na hora de enfrentar nossas dificuldades. Além, é claro, da experiência de quem já enfrentou seus medos e os superou, como foi o caso de Estela, que, junto ao Preto Velho, representante adulto, foram indispensáveis para o amadurecimento de Raul.

Sendo assim, podemos concluir e afirmar que a leitura de narrativas como a de *Raul da ferrugem azul* podem contribuir significativamente para a compreensão dos nossos medos, das nossas dificuldades, ampliando nossa experiência, abrindo os nossos horizontes de expectativas principalmente dos leitores em formação. Nesta perspectiva, podemos dizer que a leitura, portanto, cumpre um importante papel social. Daí nossa defesa pela leitura da obra de Ana Maria Machado em sala de aula, sobretudo nesse contexto de angústias e medos enfrentados no cotidiano atual. Precisamos da leveza da linguagem da narrativa dessa escritora dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. 2010.

AZEVEDO, Tâmara Melo; RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Retratos da avó na literatura infantil de Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Editora Dialética, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Quíron, 2000.

CUNHA, M. A. Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.

KRAMER, Sônia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Anais do Seminário Internacional da OMEP. Infância e educação infantil: reflexões para o início do século. Rio de Janeiro: Ravel, julho 2000. P. 34-53.

LAJOLO, Marisa. Teoria literária, literatura infantil e Ana Maria Machado. **Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado**. São Paulo: UNESP: ANEP, p. 11-21, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Ilustração: Patrícia Gwinner.. **Raul da ferrugem azul**. Bernardi Ltda, 2009.

PALO, M. J. et D'OLIVEIRA, MR **Literatura infantil: Voz de criança**. São Paulo, Ática, 2003.

VECCHI, Roberto; DI EUGENIO, Alessia. A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2020. SciELO - Scientific Electronic Library Online.

ZINANE, Cecil Jeanine Albert. **História da literatura: questões contemporâneas**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2010.